

2

Narrativa e identidades: socioconstuções discursivas

O estudo da vida em sociedade, desde seus primórdios na antiguidade grega, nos permite observar a estreita relação entre a experiência humana e o ato de narrar. Os filósofos gregos utilizavam narrativas para discursar e ensinar. Também elejo como exemplo, a ação de Jesus Cristo (dissociado da questão religiosa) que narrava parábolas para evangelizar e conscientizar moralmente seus ouvintes e seguidores. Acrescento com importância as sociedades agrárias que repassavam tradições e conhecimentos às gerações mais jovens através de narrativas. A própria concepção da construção da história, enquanto área do conhecimento, iniciou-se com a narração do indivíduo que pudesse dizer “eu vi”, “eu senti” algum evento (Le Goff, 2003, p. 138).

Neste sentido, considero importante refletir que, a partir dos primeiros anos de vida já somos expostos a várias histórias pelos mais variados objetivos, como entreter, ensinar, acalantar etc. Contudo, para além do imaginário e do ficcional, ao longo de nossas vidas, somos rodeados diariamente por histórias que nos são contadas e que por nós são narradas para (re)significar experiências vividas (Labov, 1972), sonhos aspirados, (não)pertencimento a grupos, sentimentos, enfim, para constituir as mais diversas faces da vida social. Sendo assim, o ato de narrar é o próprio acontecer, que legitima e transforma as experiências sociais. De tal modo, na interação, situada nos mais diferentes contextos, construímos um sentido para nossas vidas e, assim, nossas identidades.

São inegáveis as constantes mudanças culturais, sociais, econômicas, tecnológicas e políticas no mundo globalizado. Segundo Moita Lopes (2001), tal movimento, acredita-se, tem afetado a compreensão das organizações sociais (classe, gênero, raça etc.) e motivado o questionamento sobre as verdades neutralizadas e as práticas hegemônicas. Segundo Hall (2002), na contemporaneidade, vivemos o que pode ser chamada “crise de identidade”, na qual o indivíduo sem uma “ancoragem estável”, constitui-se com um ser incoerente, múltiplo e fragmentado.

Neste cenário, tem sido crescente, nos últimos anos, o interesse das Ciências Sociais e Humanas pelo estudo da narrativa enquanto objeto de pesquisa e/ou método de geração de dados que emergem durante interações orais espontâneas ou institucionais e que suscitam questões identitárias (Bruner, 1995; Telles, 1998; Mishler, 1999). Segundo Bastos (2005, p. 74), além da narrativa ocupar posição central no processo de organização básica da memória e experiência humana, “ao narrar, não apenas transmitimos o sentido de quem somos, mas também construímos relações com os outros e com o mundo que nos cerca”.

2.1.

Revisão crítica da tradição laboviana

Os trabalhos de Labov e Waletzky (1967) e Labov (1972) introduziram os estudos sobre narrativa na Sociolinguística. De acordo com os autores, narrativa “é um método de recapitular experiências passadas, combinando uma sequência verbal de orações, geralmente com verbos no passado, com uma sequência de eventos que, infere-se, ocorreram de fato” (Bastos, 2005, p. 75). Labov (1972) descreve algumas características e elementos próprios de seu conceito de narrativa que a distinguem de outros gêneros semelhantes.

As narrativas são aquelas que remetem a acontecimentos específicos no passado e que sejam contáveis. Ou seja, os eventos narrados devem fazer referência a algo extraordinário, fora do comum, porém passível de acontecer, pois um evento extremamente inusitado e incomum pode levar o interlocutor a questionar a credibilidade do mesmo. Desse modo, segundo o autor, relatos de situações rotineiras no passado não são reportáveis e, conseqüentemente, não se enquadram nesse conceito. Na tradição laboviana, para ser considerada uma narrativa, o relato precisa apresentar outra característica: o ponto. É necessário identificar uma razão de ser, um motivo pelo qual a experiência é contada. Comumente, o ponto da narrativa tem relação com o tópico da conversa e quando ele não é apresentado pode levar o ouvinte à incompreensão.

Também é imprescindível que as ações narradas estejam estruturadas em uma sequência temporal. Labov define o importante conceito de narrativa mínima,

segundo o qual para haver narrativa é preciso que haja pelo menos duas orações, com verbos de ação necessariamente no passado, ligadas em ordem temporal.

De acordo com os autores a estrutura da narrativa canônica possui, além das características descritas acima, seis elementos (optativos e obrigatórios), a saber:

- **Resumo/Abstract** – Uma narrativa prototípica iniciaria, apesar de não ser obrigatório, com um enunciado que resumiria o desenrolar da narrativa e, assim, daria ao ouvinte uma noção sobre o ponto e, principalmente, o tema do evento a ser narrado;
- **Orientação** – É esperado que um contador de histórias habilidoso forneça, de alguma forma, ao ouvinte informações que contextualizem o evento a ser relatado. Apresentada na sequência do elemento anterior ou intercalada a outros componentes da narrativa, a orientação indica o tempo, as pessoas envolvidas, o lugar e as circunstâncias em que o evento atípico ocorreu. Esse é um elemento optativo, contudo ao optar por não utilizá-lo o narrador pode comprometer o entendimento da narrativa, dependendo, é claro, da situação que está sendo narrada;
- **Ação complicadora ou oração narrativa** – É o único elemento obrigatório, pois é por meio desse componente que a história é propriamente dita em uma sequência de enunciados temporalmente ordenados no passado.
- **Resolução** – Corresponde à etapa de finalização das orações narrativas;
- **Avaliação** – Informa sobre a carga dramática da narrativa. Labov identifica dois tipos básicos de avaliação: externa e interna. Segundo Bastos (2005), na primeira o narrador suspende o fluxo da narrativa e relata diretamente para o ouvinte sua opinião, seu sentimento em relação ao evento narrado, com justificativas ou não. Já na avaliação interna (encaixada) o narrador utiliza recursos linguístico-discursivos, extralinguísticos e fonológicos, sem interromper o fluxo narrativo, para expressar o clima emocional, sua opinião, e também para indicar seu ponto. Esses enunciados avaliativos são importantes, pois ora expressam a opinião dos interlocutores da interação, que refletirá valores pessoais e compartilhados socialmente, ora constroem uma relação entre os participantes. (Dada a importância desse

elemento para o presente estudo, ainda neste capítulo haverá um espaço maior dedicado à avaliação);

- Coda – Formada por orações livres, é uma das alternativas do narrador de indicar o fim da narrativa. De acordo com Labov (1972), a coda, muitas vezes, pode conter observações gerais ou demonstrar o feito do evento no narrador.

As contribuições de Labov e Waletzky para o estudo das narrativas orais de experiências pessoais são inquestionáveis. Especialmente no que tange aos elementos estruturais da narrativa, pois fornecem aos pesquisadores instrumentos analíticos para observação do uso do discurso como constituinte de histórias (Riessman, 2008). Contudo, Riessman (2008) também reconhece e critica a superficialidade desse tipo de abordagem por ater-se ao nível micro da análise e, assim, limitar a compreensão sobre o narrador e a sociedade.

Muitos autores (Fabrício & Bastos, 2009; Bastos, 2005; entre outros) fazem diversas críticas à ausência de um olhar mais atencioso de Labov às questões relacionadas à interação e às performances⁵ narrativas. Neste sentido, Mishler (2002) assinala a excessiva importância dada à sequencialidade temporal (exclusivamente no pretérito) e a ênfase na estrutura da narrativa, com observância no *que* é narrado em detrimento de *como* é narrado.

Neste trabalho, utilizar a representação de narrativa como ato de recapitulação de experiências passadas como único método de análise não seria suficiente para dar conta dos dados da pesquisa (apresentados no capítulo 4). Desse modo, a compreensão de narrativa aqui está alinhada à definição de Goffman:

Em resumo, falar costuma envolver o relato de um evento – passado, corrente, condicional ou futuro, contendo uma figura humana ou não – e esse relato não precisa ser, mas comumente é, apresentado como algo a ser re-experimentado, a ser saboreado, a ser elaborado, ou qualquer outra ação que o apresentador em seu pequeno show induza a audiência a experimentar (Goffman, 1974, p. 506).

⁵ O termo performance utilizado aqui está em consonância às teorias de Goffman (2007 [1975]) na perspectiva de atuação em um empreendimento dramático na vida social. Segundo Oliveira (2012, p. 51), “o olhar para atuação dramática dá visibilidade ao modo como as histórias são contadas e o que elas dizem sobre o narrador e a cultura ou grupo social a que pertence”.

O ato de narrar, então, não se restringe a um simples ato de (re)contar, é uma apresentação performática, com expressiva carga dramática, é um show. O narrador, com isso, tem como finalidade envolver o interlocutor com suas experiências passadas, situações correntes ou ainda projeções futuras e/ou hipotéticas. Cabe destacar ainda, que cada narrar será uma performance diferente, uma forma de organização do discurso diferente, pois, de acordo com Bauman (1986), é constituinte de toda performance narrativa ser situada pelos participantes e pelo contexto sócio-histórico da interação. Ao expor performaticamente suas experiências pessoais, o narrador transforma a história em função de como quer ser percebido pelo(s) seu(s) interlocutor(s) e, assim pode gerar mudanças nas práticas sociais (hegemônicas ou não). Desempenhando assim, conforme Moita Lopes (2001), o papel da narrativa enquanto ação no mundo social, no processo de construção das identidades sociais.

2.1.1.

***Small Stories*⁶ – uma abordagem contemporânea**

A influência do modelo laboviano para o estudo da narrativa, como um método de análise de experiências passadas, geradas em situação de entrevista, em parte, foi responsável pela negligência do olhar a certas informações contidas nos *corpus* analisados pelos pesquisadores seguidores dessa tradição, por não se enquadrarem ao referido modelo. No entanto, alguns autores contemporâneos sugerem novas propostas de análise, por considerarem que o indivíduo lança mão de diversos gêneros narrativos, com características próprias, para constituir-se e compreender as práticas sociais.

Bamberg & Georgakopoulou (2008), Bastos (2008) e outros apresentam trabalhos que trazem à luz esses gêneros que ficavam à margem das representações das narrativas canônicas. Bamberg & Georgakopoulou (2008, p.5) apresentam o termo *Small Stories* como um “guarda-chuva que captura uma gama de atividades sub-representadas”, como por exemplo, a narração de eventos recentes ou em processo, eventos futuros ou hipotéticos; eventos compartilhados, assim como, alusões a narrações anteriores, prorrogações e recusas. Os autores

⁶ Pequenas histórias ou narrativas breves.

argumentam a pertinência do nome *Small Stories* pela característica típica dessas histórias de serem literalmente pequenas, em comparação às longas transcrições das narrativas canônicas (*Big Stories*⁷), e, metaforicamente, por refletirem aspectos momentâneos das experiências vividas. Sendo assim, *Small Stories* são “histórias breves, com tópicos específicos em torno de personagens, cenários e um enredo” (Riessman, 2001, p. 697).

Segundo Bamberg & Georgakopoulou (2008), nessa abordagem (centrada na microanálise) a narrativa é vista como um dos aspectos do uso situacional da linguagem, no qual o falante/narrador se ocupa em apresentar suas identidades posicionadas nos diferentes contextos. Uma das contribuições das *Small Stories* para o estudo da identidade está centrada na função discursiva ou ação orientadora dessas histórias que revelam construções identitárias.

Com efeito, o principal interesse repousa na compreensão de como as pessoas constroem essas histórias e as utilizam nas mais diversas situações interacionais cotidianas, para constituir sentidos sobre si próprias e sobre o mundo que as cercam, num fluxo constante e cíclico de (re)leituras e (re)formulações, para demonstrar como querem ser entendidas.

Os autores chamam atenção para o fato do estudo das *Small Stories* ser tão relevante quanto o das narrativas canônicas e, por isso, advogam a necessidade de ocupar posição de igual valor nas pesquisas sobre identidade e situam a principal diferença de interesses das duas abordagens. As pesquisas com narrativas canônicas analisam as histórias como representações do mundo e das identidades; em contra partida, as *Small Stories*, como já dito nesta seção, ocupam-se em *como* as pessoas usam essas histórias para construir o sentido de quem elas são. Em outras palavras, na primeira as identidades são pré-existentes e o discurso as representam, enquanto na segunda, é durante o curso da interação que se dá o processo de constituir-se, de tornar-se.

Como veremos no capítulo de análise dos dados (capítulo 5), mesmo em situação de entrevista de pesquisa de experiências de vida – nas quais o(a) entrevistado(a) não precisa disputar pelo seu turno e é estimulado a narrar, frequentemente, emergem *Small Stories* (que podem ou não ter traços característicos da tradição). Essas pequenas histórias, às vezes, constituem

⁷ Narrativas grandes ou longas.

grandes episódios narrativos fragmentados, por vezes confusos, mas que fazem sentido no todo, em relação à (re)construção da identidade no mundo contemporâneo globalizado.

Movida pela tradição proposta por Labov (1972), considerarei como narrativa os episódios que contenham uma *narrativa mínima*, e conduzirei a análise com foco nos elementos avaliativos. Contudo, influenciada por diversos autores (Goffman, 1974; Riessman, 1993; Moita Lopes, 2001; Bastos 2005, 2008; Pereira e Santos, 2009; Bamberg & Georgakopoulou, 2008; entre outros), neste trabalho, também analisarei alguns relatos de eventos passados, recentes, em processo, futuros etc. com um olhar narrativo (Bastos 2012) por considerá-los constitutivos do *self*.

Na busca do equilíbrio, utilizarei, sempre que possível, esses dois ganhos teóricos abordados até aqui, acreditando que tais elementos contemplem a narrativa como metodologia e objeto de pesquisa, e sua definição não somente enquanto método de recapitulação, mas também enquanto “performances de identidade” (Bastos, 2008).

2.2

Narrativas de história de vida⁸ e identidade

“Sobre o que quer que seja a história, ela é também uma forma de autoapresentação” Mishler (1986), isto é, ao contarmos qualquer história estamos, consciente ou inconscientemente, nos apresentando e construindo nossas identidades. Nesse sentido, imaginemos, então, a gama de possibilidades para o estudo de identidade quando o indivíduo narra suas experiências pessoais, melhor dizendo, suas *histórias de vida*.

Charlotte Linde (1993) estuda essas histórias e considera que através delas as identidades são construídas e/ou ratificadas. Nas palavras da autora (1993), as histórias de vida expressam nosso sentido de *self*, já que, ao verbalizarmos nossas histórias contamos “como nos tornamos o que somos e transmitimos aos outros o que devem saber sobre nós para nos conhecer” (Bastos 2005, p.81).

⁸ Life Story. Linde (1993)

As histórias de vida são definidas como sendo “todas as histórias e unidades discursivas associadas, como explanações e crônicas⁹, e as conexões entre elas, ditas por um indivíduo durante o curso de sua vida”¹⁰ (Linde, 1993, p. 21). De acordo com a autora, essas narrativas de fatos pessoais, enquadram-se como histórias de vida, satisfazendo a dois critérios:

a) Devem ter como primeira avaliação um **ponto** sobre o falante. Contrária à concepção de Labov (1972) sobre ponto (um motivo [geral] pelo qual a história é contada), aqui as narrativas devem apresentar, especificamente, alguma informação sobre a personalidade do narrador ou sobre algum evento que aconteceu com o narrador. Em geral, é a intenção do narrador de comunicar-se moralmente com seu interlocutor sobre que tipo de pessoa e que tipo de ação.

b) Devem ter **reportabilidade** estendida. Assim, a reportabilidade não se refere apenas a qualquer acontecimento incomum, inesperado e extraordinário (como em Labov, 1972), mas a possibilidade desse ser contado e recontado inúmeras vezes ao longo da vida. Contudo, Linde (1993) chama atenção para o caráter relativo desse critério, pois o foco não está centrado apenas no evento em si, mas nos participantes, no contexto sócio-histórico-cultural e, até mesmo, na habilidade do narrador. Existem algumas narrativas que tentem a ser mais contáveis do que outras, como os eventos culturalmente definidos como “marcos biográficos”, que incluem “escolha profissional, casamento, divórcio, conversão religiosa, doenças graves etc.” (Bastos, 2005, p. 82).

Outra característica importante é o fato das histórias de vida serem uma unidade incompleta e descontínua temporal e estruturalmente, pois parte das histórias são contadas ao longo da vida em diferentes ocasiões, para diferentes interlocutores. É considerada como uma obra aberta e em constantes mudanças, visto que ao serem (re)contadas vão sendo revisadas, (re)interpretadas, e, conseqüentemente, transformadas em adequação ao contexto, às mudanças de

⁹ Bastos (2005) apresenta algumas características sobre as unidades discursivas associadas. As explanações possuem uma posição e a razão que as sustentam. Já as crônicas, se assemelham à narrativa apenas por apresentar uma sequência de eventos. No mais, não apresentam resumo, orientação, coda e nenhum ponto avaliativo.

¹⁰ Tradução minha.

ponto de vista e ideologia e pela possibilidade de novas histórias serem acrescentadas e as antigas, esquecidas.

Considero pertinente retomar a questão da reportabilidade estendida para as narrativas, ressaltando a profissão/trabalho como um marco biográfico, dada a natureza dos meus dados. Conforme Linde (1993), para algumas pessoas a profissão (ou o trabalho) constitui um componente importante na compreensão de suas vidas, suas identidades são definidas pelos seus trabalhos. Logo, essas pessoas devem ser capazes de fornecer justificativas de como vieram a ter suas profissões/trabalho. Contudo, existem diferenças nas justificativas entre as profissões socialmente consideradas prestigiadas e as desprestigiadas. Essas justificativas também dependem crucialmente da relação entre os participantes e no status das profissões dos interlocutores.

Para que alguém possa existir socialmente é necessário ter e criar uma história de vida culturalmente coerente e constantemente revisada. Em uma breve reflexão sobre nossa *práxis*, é possível recordar que ao relatarmos algo que nos é particular escolhemos dizer o que nos é relevante, extraordinário, talvez único, nem sempre verdadeiro, mas contável. Ou seja, ao verbalizarmos nossas histórias de vida construímos o que nos tornamos, o que somos e o que queremos parecer ser.

Em concordância com Moita Lopes (2003), na relação com o outro e o contexto - localizado no tempo, no espaço, na circunstância - as identidades se constroem também na possibilidade que os seres humanos têm de (re)experienciar e se (re)posicionar nas interações. É nesse movimento contínuo e cíclico, na possibilidade de fazer de novo (na interação), que as identidades se inscrevem como múltiplas, fragmentadas, complexas e contraditórias. As identidades, então, têm a ver, conforme Hall (2002) não como ser (uma perspectiva essencialista), mas como tornar-se. Em outras palavras, do ponto de vista sociológico e socioconstrucionista, toda identidade é construída em um contexto marcado, seja por situações de poder ou fatores sociais, históricos e culturais.

2.3.

Avaliação: um instrumento de expressão do *self*

Neste trabalho, como metodologia de análise de narrativas, utilizarei uma revisão crítica do modelo laboviano, atrelada às contribuições de estudiosos contemporâneos que fundamentam suas pesquisas a partir de uma perspectiva performática e interacional do discurso (Bastos, 2005; Linde, 1993; Bamberg & Georgakopoulou 2008 e outros).

Segundo Labov, em narrativas orais de experiência pessoal, “o falante se torna profundamente envolvido em relatar detalhadamente, ou até reviver, eventos de seu passado” (1972, p. 4). Nesse empreendimento, o narrador está mais propenso a utilizar recursos avaliativos, sinalizando o ponto da narrativa, “a razão pela qual a história é digna de ser contada” (Taveira, 2012, p. 56). Assim sendo, considero relevante para a análise que aspiro aqui, destacar e examinar a *avaliação* como um instrumento de expressão do *self*, pois ao incluir na narrativa sua opinião e emoção o indivíduo apresenta muito sobre o que quer parecer ser e o aparato sócio-histórico-cultural que o constitui.

Existem várias possibilidades do narrador contar uma história e expressar seu ponto. No que diz respeito à avaliação, Labov (1972, p. 370-392) apresenta suas possíveis realizações a partir de dois mecanismos principais, os externos e os internos (como visto na seção 2,1), através dos quais uma narrativa pode ser avaliada. Nas palavras de Oliveira e Bastos (2011, p. 128), “os mecanismos externos são empregados em *orações livres*, ao passo que os mecanismos internos podem ser empregados em *orações narrativas*, provocando um desvio da sintaxe básica desse tipo de oração e carregando a função avaliativa”.

Os mecanismos externos de avaliação são concebidos pelo autor em quatro tipos diferentes. Segundo (Oliveira e Bastos, 2011, p. 124 – 125), são eles:

- a) Avaliação externa: quando o fluxo das orações narrativas é explicitamente interrompido pelo narrador e esse apresenta diretamente ao seu interlocutor uma avaliação. Ou, ainda, o falante atribui a si próprio uma avaliação no curso da narrativa. Esse segundo caso é considerado por Labov (1972) menos abrupto;

- b) Encaixe de avaliação (ocorre em três diferentes formas): o narrador, sem interromper o fluxo da narrativa, pode relatar seus sentimentos como algo que o está acometendo na medida em que o evento de fala está acontecendo; pode recorrer a citações em primeira pessoa, mas como se tivesse se dirigindo a uma terceira; e por último, pode incluir na narrativa um personagem que avalia as ações do antagonista no lugar do narrador, o que imprime maior força dramática pela condição neutra que o avaliador assume. Segundo Oliveira (2012):

A fala relatada é o indício mais claro de que narrar uma história é engajar-se em uma atuação dramatúrgica. Ao trazer para o evento narrado diálogos oriundos do evento narrado, o narrador recria a ação dos personagens em cena e confere veracidade ao seu relato. É como se disse aos seus ouvintes: “Isso, de fato, aconteceu, e essas palavras comprovam isso”. Ainda que a fala relatada seja uma reconstrução, ela é tratada pelos ouvintes como exemplo vivo da experiência passada. (Oliveira, 2012, p.50)

- c) Ação avaliativa: o narrador, no intuito de atribuir dramaticidade à avaliação, opta por narrar o que fez e não o que disse.
- d) Avaliação pela suspensão da ação: no curso da interação, as emoções expressas podem ocorrer instantânea ou simultaneamente, com efeito, quando elas são expressas em sentenças separadas interrompem a ação narrativa. Indicando para o ouvinte que a parte interrompida da narrativa tem a ver com o ponto.

Labov (1972) considera que a estrutura sintática das orações narrativas se dá em sequências simples e passíveis de esquematização. São descritas a partir de oito elementos gramaticais, a saber: 1) Conjunções, incluindo as temporais: então, mas; 2) Sujeito simples: pronomes, nomes próprios; 3) verbo auxiliar: ter, estar; 4) Verbo no passado simples: amou, dançou; 5) Complementos: objetos diretos e indiretos; 6) Advérbios de modo: melhor, calmamente; 7) Advérbios de Lugar: aqui, longe e 8) Advérbios de tempo: depois, nunca. De acordo com o autor, os desvios da sintaxe narrativa básica sugerem questionamentos devido à simplicidade das orações narrativas. Esses desvios carregam marcas avaliativas e podem ocorrer como resultado de inserções de alguns elementos sintáticos, que agrupam diversos subtipos. Observe abaixo tais marcas avaliativas:

- a) Intensificadores: Gestos, fonologia expressiva, quantificadores, repetições e enunciados rituais. Elementos que atuam intensificando ou reforçando o evento narrado;
- b) Comparadores: Negativas, modais, futuro, perguntas, imperativos, comparativos e superlativos. Dispositivos que marcam comparação realizando “movimentos que afastam a narração da linha do evento narrativo para considerar as possibilidades não realizadas e compará-las com os eventos que ocorreram” (Oliveira e Bastos, 2011, p. 126);
- c) Correlativos: Progressivos, participios anexados, duplo apositivo, duplo atributivo, entre outros. Relacionam dois eventos ocorridos em uma única oração independente.
- d) Explicativos: Podem ser realizados através de orações encaixadas e agregam qualificações e causas.

A apresentação de Labov (1972) sobre os dispositivos sintáticos internos às orações que carregam avaliação da narrativa, cada um em sua especificidade, contribuem em grande escala para a identificação do ponto da narrativa e, principalmente, dos recursos utilizados pelos narradores para construir sentido de *self* e da ordem social em que estão inseridos.

Neste capítulo me propus a argumentar a pertinência do estudo da narrativa como performances identitárias e ratificar sua função como ação social através da apresentação dos trabalhos de Labov (1972); Goffman (1974) e autores contemporâneos, tais como Linde (1993); Bastos (2003, 2005, 2008, 2009, 2010) Bamberg & Georgakopoulou (2008); e outros. A partir deste arcabouço teórico, estabeleci os elementos narrativos orientacionais e avaliativos como base para análise de estruturas canônicas e não canônicas e até mesmo para análise quando não são produzidas narrativas, mas sim relatos, expressões e enunciados, que também constituem o *self*. Dessa forma, cabe ainda citar a proposta de Bastos (2012) como fundamentação para uma análise de narrativa, como uma forma de análise do discurso “à luz narrativa”. Para Bastos (2012),

A análise de narrativas pode ser entendida também como uma forma de se fazer análise do discurso: o olhar narrativo em muito pode contribuir para compreender o discurso, produzido nas mais diversas situações de comunicação. A proposta é, portanto, ampliar a perspectiva de análise, introduzindo a lente narrativa na análise do discurso. (Bastos 2012, p.4)

No capítulo 3 apresentarei a revisão da bibliografia temática deste trabalho, com o apoio das contribuições de pesquisas realizadas no campo das Ciências sociais acerca das relações do trabalho nas esferas familiar e educacionais. Acreditando, assim, caminhar para construção de um arcabouço teórico coerente com a análise dos dados.